



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

Entrevista | Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E POLÍTICAS DE INCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL EMERGENTE: A IMAGEM DO PAÍS NO CENÁRIO INTERNACIONAL.

Entrevista concedida a Pedro Paulo Procópio, Célio Henrique de Alcântara Brandão e Tatiana Alves da Silva

Thales Cavalcanti Castro é uma das mais importantes referências não só no Norte e Nordeste, mas de todo o País quando o tema é Relações Internacionais. Autor de importantes obras sobre o assunto e convidado frequente do Instituto Rio Branco para conferências de peso, o estudioso encontrou tempo para receber os pesquisadores na tarde do último dia 11 de dezembro de 2013, em sua sala no prédio da reitoria da Universidade Católica de Pernambuco, no Recife. Mais que uma entrevista, uma conversa agradável e lúcida sobre a imagem brasileira no exterior quando tratamos de ciência, tecnologia e políticas de inclusão social. Como nós chegamos antes do horário previsto, três da tarde, nos dirigimos à recepção e ao falarmos de quem éramos convidados, um sorriso afável se revelou nos lábios do funcionário, que fez questão de ressaltar: “Doutor Thales, claro, homem muito bom. Estejam à vontade, já está chegando.” De fato, nosso entrevistado chegou pouco tempo depois, dirigindo o seu próprio carro e com um sorriso acenou para a gente e para o guarda do estacionamento. A gentileza e a generosidade lhes são mesmo peculiares! Subimos juntos no elevador até a sua sala no segundo andar e Thales brincou: “este é o menor elevador do mundo!” Quebrou o gelo, como um típico diplomata! Castro pediu com

cortesia água e café ao copeiro, para nós, os seus convidados. O rapaz de meia idade prontamente assentiu com um sorriso simpático para o chefe, demonstrando carinho pela forma cortês com a qual recebeu a demanda pela tarefa simples. Thales Castro mesmo no gabinete bem decorado e confortável, com o mapa *múndi* e *souvenirs* de diversas partes do mundo, faz questão de manter uma miniatura de um caboclo de lança, personagem mítico da cultura pernambucana e de manter a simplicidade, conseguindo assim, provar que antes de compreender os conflitos das outras partes do planeta ou o Conselho de Segurança da ONU é imprescindível conhecer a realidade sociopolítica e cultural brasileira e da sua própria região. Pesquisador de postura firme, mas não inflexível, Castro atesta que o Conselho de Segurança da ONU antes de promover a paz mundial, utiliza-se do conservadorismo unilateral para manter o *status quo* hegemônico norte-americano. Thales Castro manteve a mesma postura ao refletir o papel tupiniquim no cenário internacional da ciência, tecnologia e as políticas efetivas de inclusão social: “Eu acho que muito foi feito, mas ainda há um caminho muito árduo para chegarmos a um patamar de um país que respeita, investe e se transforma a partir da ciência, tecnologia e desenvolvimento de patentes”.

QUEM É THALES CAVALCANTI CASTRO:

Possui graduação (BA cum laude) em Relações Internacionais pela *Indiana University of Pennsylvania* (1998), graduação em Economia (minor) pela *Indiana University of Pennsylvania* (1998), mestrado em Relações Internacionais (*MA in Public Affairs*) pela *Indiana University of Pennsylvania* (1999) e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (2005). Realizou estudos, após a conclusão do doutorado, na *Texas Tech University School of Law* (1L) entre agosto de 2005 a janeiro de 2006, onde recebeu o Prêmio *Georgia Dingus*. É professor e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Foi coordenador do Curso de Ciências Econômicas, entre 2006 e 2009. É Assessor para Relações Internacionais e Interinstitucionais (ASSERINT) da Reitoria da UNICAP além de coordenador do Núcleo de Estudos para a América Latina - NEAL. É Coordenador da Cátedra Adenauer da Fundação Konrad Adenauer (KAS) na Universidade Católica de Pernambuco desde setembro de 2010. É professor, desde 2006, da Faculdade Damas da Instrução Cristã e coordenador do Curso de Relações Internacionais da mesma Faculdade desde 2008. Foi professor da Faculdade de Olinda (1999-2001). Foi professor da Faculdade Integrada do Recife (1999-2005). Foi professor no curso de Direito da AESO - Faculdades Integradas Barros Melo (2007). Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em integração, conflitos armados e diplomacia, atuando principalmente nos seguintes temas: política internacional, teoria das relações in-

ternacionais, defesa e estratégia, processo de globalização e política externa e diplomacia brasileira. É autor de diversos artigos e de três livros: *Elementos de Política Internacional: redefinições e perspectivas* (2005) e *Conselho de Segurança da ONU: unipolaridade, consensos e tendências* (2007) - ambos pela Juruá Editora, Curitiba. É autor do livro *Teoria das Relações Internacionais* (2012), editado pela FUNAG / Itamaraty. É organizador do livro: *Debates Políticos e Econômicos Contemporâneos: a interdependência local-global* (2008). Realizou palestras no Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro (I SPREI - I Seminário sobre Pesquisas em Relações Econômicas Internacionais) e no Palácio Itamaraty em Brasília por ocasião do II SPREI e por ocasião do II Seminário de Alto Nível sobre Política Externa. Foi conferencista no Ministério da Defesa (COTER), na Escola Superior de Guerra (ESG), no Comando Militar do Nordeste (CMNE) e no exterior. Foi condecorado, em 2004, com a Ordem do Mérito dos Guararapes pelo Município de Jaboatão dos Guararapes, PE, e foi condecorado, em julho de 2009, com a Ordem do Mérito Consular na classe oficial pela Federação Internacional dos Corpos e Associações Consulares (FICAC). É consultor e palestrante em Relações Internacionais. É fundador e Presidente da UltraMundi International (UltraMundi Consultoria & Gestão LTDA.). Desde novembro de 2010, é Cônsul A.H. da República de Malta em Recife. Desde dezembro de 2010, é Presidente da Sociedade Consular de Pernambuco (SCP).

► **Interfaces Científicas:** A visão que a comunidade internacional tem hoje do nosso País no quesito ciências, tecnologias e políticas de inclusão é a mesma que havia na sua época de estudante nos EUA, já que o senhor cursou relações internacionais e, posteriormente, mestrado naquele país?

Thales Cavalcanti Castro: Acho que houve uma transformação muito substancial ao longo desse período. Terminei alguns cursos, o curso de economia e relações internacionais em 1996/1997, então de 1997 para cá estamos falando de quase duas décadas de transformação. Muito já se avançou no Brasil, mas ainda há um caminho longo para ser percorrido. Dos anos 1990 para cá nós temos testemunhado o aumento da população acadêmica. Nós temos observado também uma espiral crescente no que tange a formação de curso de mestrado, logo a formação de mestres e doutores no Brasil. Isto é muito salutar.

Muito do dever de casa foi parcialmente. Da época dos anos 1990 para meados da segunda década do século XXI estamos vendo um aprimoramento do Brasil, mas ainda está muito aquém. Em quais partes estaríamos aquém? Estaríamos no que tange aos índices de PISA, por exemplo, esse índice é o que valia a inclusão da criança e do adolescente no que tange o ensino das ciências exatas (matemática, física etc.). O Brasil tem índices vergonhosos para a inclusão do ensino matemático, do ensino das ciências duras. O ensino das ciências exatas tem uma correlação direta com a produção científica e tecnológica diria. Mais tecnológicas e científicas, poderíamos usar o jargão, segmento das ciências humanas. Excluindo as humanas, colocando mais tecnologia BID, e a questão do desenvolvimento tecnológico, estamos falando que o Brasil avançou, mas não tanto quanto gostaríamos.

Estamos muito aquém do que tange um acordo internacional de patentes, o Brasil está muito aquém dos 20 países no mundo que registram patentes. O registro de patentes só é feito mediante um investimento muito sólido e em longo prazo no que concede ao investimento tecnológico, formatação de cursos de alto nível, cursos de intercâmbio internacional. E acho que também muito foi feito, se podemos verificar temos algo em torno de cin-

co milhões de alunos inscritos no nível superior, quantos desses colam grau, concluem o curso ainda é um funil, porém já é um dado muito expressivo. O Governo Federal tem usado sistemas financiamento público no que tange ao PROUNI, tem facilitado a inclusão social no campo acadêmico, tecnológico por meio de cotas, o programa ciências sem fronteiras, por exemplo, é um bastião muito produtivo, no incentivo de vanguarda. O ciências sem fronteiras na verdade faz com que o aluno traga para si uma experiência marcante e de transformação. De maneira que eu acho que muito foi feito, mas ainda há um caminho muito árduo para chegarmos a um patamar de um país que respeita, investe e se transforma a partir da ciência, tecnologia e desenvolvimento de patentes. E aí há um quadrilátero indissolúvel, assim consideraria.

► **Interfaces Científicas:** Prof. Thales em vista dessa sua resposta, o senhor se vê como um estudioso otimista em relação ao Brasil na atualidade em termos de ciência, tecnologia e políticas de inclusão social?

T.C.C.: Acho que superando a licotomia otimismo e pessimismo, talvez como um otimismo realista, um otimismo cauteloso. Aí agente tenta superar essa licotomia. Não, não sou pessimista, nem eu posso cair no ufanismo ótimo, que na verdade leva apenas a um romantismo que não tem fundamento com a realidade do modo concreto. Então eu acho que sou um otimista realista, cauteloso. Há inclusão, pelos números do governo atual das políticas públicas federais do que tange a inclusão de mão de obra qualificada, atração naturalmente de pesquisadores no Brasil e para que permaneçam no Brasil é um dado marcante. Já temos observado a formação cada vez mais de clusters, de cadeias produtivas que funcionam a partir da alta tecnologia fina. Por exemplo, em Pernambuco temos o Porto Digital, temos o CIN da UFPE que tem tradição de décadas, Centro de Energia Nuclear. Eu vejo a formação de cluster. Temos polo ABC de São Paulo como cluster na área aeroespacial, supercondutores etc. Temos a UFPE com curso de Física referência com este conceito durante décadas. Acho que há ramos de esperança e otimismo, mas não confundamos esses ramos de esperança com a perceber que atingimos o Eldorado.

Acho que há muito mais para ser avançado, sobre tudo eu diria, na interiorização da ciência e da tecnologia. Nós temos um vasto interior no Brasil que é pouco povoado, mas é pouco adensado no que tange a ciência e tecnologia. Esse é um ponto que não dá otimismo. Nós precisamos ter uma descentralização no que tange a capilaridade da ciência e tecnologias e desenvolvimento de patentes, mas para os vários centros do Brasil e não perpetuar uma situação centralizadora que já observamos ao longo da caminhada colonial.

► **Interfaces Científicas:** O Brasil pode se tornar uma referência no mundo acadêmico como ocorre com países hegemônicos como EUA?

T.C.C.: Acho que a palavra hegemonia carrega um peso muito expressivo. Acho que nós poderíamos ter uma liderança pontual entre os países em desenvolvimento. Porque atingir um patamar de países desenvolvidos como o Reino Unido, Japão e EUA é muito difícil em curto médio prazo. No longo prazo esses fatores todos podem ser variados. Ao invés de hegemonia para o Brasil poderíamos falar em liderança regional, isso sim cabe, é factível.

► **Interfaces Científicas:** Quais seriam esses polos que o senhor viu? Seriam relacionados à tecnologia da informação?

T.C.C.: Sem dúvida, a tecnologia da informação é um deles, acho que a química fina é outro, pesquisas na área aeroespacial embora tivemos a triste notícia do fracasso do satélite brasileiro em consórcio com a China, o CPRS3. Mas ainda há muito campo ainda para essas áreas. A área da química fina ainda é muito vanguardista que temos ainda um papel muito grande a desempenhar, somos detentores de tecnologias no que tange a perfuração para encontrar petróleo em águas profundas. Então a petroquímica, química fina, a parte aeroespacial, a parte de TI eu acho que nós temos uma vocação muito natural, pois o povo brasileiro é muito criativo, dinâmico. Eu atino aí que teremos grandes perspectivas para um avanço e uma liderança regional mais do que hegemônica.

► **Interfaces Científicas:** Na sua visão existem políticas que possam ser consideradas inclusivas na educação brasileira hoje?

T.C.C.: Sim. O fato de termos quase 5,5 milhões a seis milhões de estudantes no nível superior quer seja no ensino privado e que seja no ensino público, por via de cotas nas públicas ou nas privadas pelo Prouni. Eu acredito que isso é um avanço muito bonito, muito elogioso, de muita vanguardia. Então temos avanço muito bonito no que tange o acesso ao nível superior. É claro que a tecnologia não é só feita por este viés, este é apenas um dos fatores que também são considerados, mas estes na pergunta pontual acho que tem muita perspectiva positiva.

► **Interfaces Científicas:** Como o senhor avalia o programa Ciência sem Fronteira? Ele Beneficia igualmente o estudante de baixa renda e aquele com uma condição mais abastarda?

T.C.C.: Sem dúvida. O Ciência sem Fronteiras é um dos grandes trunfos políticos, eu diria até eleitorais da presidente Dilma e do ministro Mercadante. Que trunfo é esse? É o trunfo que na verdade coloca o aluno independentemente da renda, independentemente da região do Brasil em universidades de ponta tecnológicas no primeiro mundo. Estamos falando de oportunidade que um aluno jamais teria condições de cursar, por exemplo, um semestre no *MIT*, *Massachusetts*, *Biotechnology*, *Caltech* na Califórnia, neste espaço temos professores com Nobel na Tradicional Universidade de Munique na Alemanha, inclusive nós já enviamos alunos para essa perspectiva. No último governo estadual, estou falando do governo de Pernambuco, tivemos o ciência sem fronteira para alunos que já foram ou estão indo para o estrangeiro, para desenvolver o espanhol e o inglês. Então, naturalmente são trunfos estratégicos importantíssimos. O aluno que participa do ciência sem fronteira volta com uma rica experiência que modifica sua realidade, ele constrói pontes com o professor, com orientador e vai formar um vínculo para o resto da vida.

► **Interfaces Científicas:** Na sua visão o que difere as políticas de inclusão brasileira da de países pequenos geograficamente, mas com alto IDH? Como é o caso de Singapura.

T.C.C.: Primeiro, acredito que é uma determinação de política entender que a educação ciência e tecnologia caminham de mãos dadas. Segundo, entender que caminhar de mãos dadas ciência e tecnologia, ela deve ser na verdade uma política de estado e não uma política de governo então sólidos investimentos, inclusive com específicos percentuais do orçamento público nacional e exclusivamente voltado para esse dinômio e sendo eles intocáveis no longo prazo. É uma receita de sucesso. Nós temos muitas oscilações orçamentárias o que prejudica alguns programas. No Brasil, muitas vezes, o político nesse binômio educacional e política de ciência e tecnologia acaba se transformando em um encapsulamento de governo e não de estado. Isso é ruim. Então esses países pequenos entenderam que precisam transformar o país com políticas de estado.

Política de estado ela não se altera a partir de cada mudança de governo, então entre um partido A e um partido B, partido de direita e esquerda, mas a política de estado se mantém razoavelmente intocável e sólida a partir das décadas a frente. Alguns países como Malta entendem a educação como sendo um fator de transformação social e alavancagem do PIB. Então não é só pensar na questão de crescimento do produto interno e no crescimento econômico, à luz de fazer um porto, de melhorar uma rodovia, ou aprimorar a estrutura aérea rodoviária. Perfeito! Isso é importante, mas a melhoria do PIB e as concepções ao longo prazo como políticas de estado ela oscila pouco, e ela entende transformação da economia como um todo pelo viés da educação. E quando se busca essa meta a gente entende que estamos falando de geração.

► **Interfaces Científicas:** Em termos de ciências e tecnologias de políticas inclusivas, será que poderemos ser comparados em termos de IDH no futuro?

T.C.C.: Sim, penso que os nove estados que compõem a região do nordeste brasileiro com quase 49 milhões de habitantes. O Chile tem uma área bem

menor entre 17 milhões de habitantes, mas um PIB bem significativo, essa diferença é explicada por meio de um processo sócio histórico. Nós tivemos um processo de desenvolvimento no Brasil que foi agregado e hipertrofiado em grandes cidades do centro sul, e estamos falando do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, e as outras áreas do Brasil foram esquecidas. É por isso que em 1959, foi criada a Sudene, que teve seu primeiro superintendente o economista paraibano Celso Furtado. Durante a gestão JK, por isso que foram criados outros trabalhos na gestão de JK referentes aos fenômenos da seca. Assim, foi criado o fundo constitucional do Nordeste para tentar estimular atração de empresas aqui na região. Isso é muito difícil de ser revertido em curto prazo.

► **Interfaces Científicas:** Em termos de IDH, as políticas do então governo Lula e do Governo Rousseff caminham para a melhoria do Brasil no ranking mundial?

T.C.C.: Sim. O Brasil tem melhorado inclusive a passos lentos. Observamos o IDH 2002 para o IDH 2012. Vemos progresso, mas lentos. Enquanto agente testemunha o IDH de países como Finlândia, Noruega, Dinamarca, Canadá não modifica muito a posição deles. Observamos o Brasil, subindo ainda poucos degraus, mas ainda numa situação de iniquidade, muita distribuição desigual e ainda uma carga tributária pesadíssima e que ela é também como todo o Brasil injusta. Isso, desestimula, muitas vezes, atividades empreendedoras, uma carga tributária tão pesada, 34% quase do PIB brasileiro, sendo só de tributos. Estamos falando de um estímulo a sonegação e isso que afirmo: Não sou eu um economista chamado Affer. Affer diz quanto mais alta à carga tributária, achando o governo que vai ter retorno e receitas através de tributos. Na verdade, ele vai ter até um decréscimo porque você está com uma carga tributária tão injusta, tão alta que acaba os agentes econômicos a utilizar estratégias de burlar e colocar caixa dois, de assentar nota fria, preço abaixo do valor da revenda. E, aí, portanto, estamos falando de uma injustiça. Uma injustiça para o lado do empreendedor e outra injustiça para o cida-

dão, para o tecido social da sociedade civil, essa desigualdade beira a perversidade, digamos assim que é um fenômeno do ornitorrinco brasileiro.

► **Interfaces Científicas:** O senhor acha que há uma defesa muito grande de parlamentares em relação às empresas privadas de saúde? Que elas possuem um lobby poderoso no Congresso para defender seus interesses e impedir investimentos consequentemente a melhoria na saúde pública?

T.C.C.: Penso que há um lobby muito forte do setor privado os seus quinhões de privilégios. Agora, também a saúde pública é uma chaga que precisa ser melhorada substancialmente. Talvez minha voz seja contrária ou é voto vencido, contudo acho que o Programa Mais Médicos, que está sendo saudado pela população é um programa que tem falhas estruturais. É um programa que privilegia as famílias das periferias, trazer um médico cubano que não fala muito bem o nosso idioma, que não conhece a mecânica brasileira, apenas você está passando uma maquiagem para solucionar o problema e não no fundo da situação. Nós temos testemunhado em pouco tempo de implantação do programa alguns erros na política desses determinados médicos. Não estou defendendo o lobby privado, mas o Programa Mais Médicos precisa ser aprimorado. Por exemplo, o Conselho Federal de medicina foi totalmente excluído, inclusive o projeto lei para a aprovação do programa Mais Médicos ficou a cargo do ministério da saúde dar os registros de profissão. Isso é absurdo! Quem confere do exercício da profissão é o órgão competente responsável pelo ofício da profissão. O programa visa atender uma demanda fortíssima, porém não o fez da maneira correta.

Sobre *lobby* de grandes empresas acho que isso existe. O Congresso é a casa do povo, e se é a casa do povo ela capilariza toda a sorte de interesses. Ela defende os interesses dos latifundiários, grandes industriais etc. Mas acho que o que tange é a saúde e precisa ser melhorada, pois não está a altura da dignidade do povo brasileiro. Um país que tem 34% de carga tributária não deveria receber a saúde que merece.

► **Interfaces Científicas:** Na sua visão o que difere nossa saúde pública de países que também oferecem a saúde gratuita como Reino Unido, Alemanha, Canadá? Nós temos condições de chegar ao mesmo nível?

T.C.C.: Acho que temos condições de chegar mais próximos, mas não no nível do Canadá, por exemplo. Lá há um sentido mais arraigado de cidadania. O cidadão é tributado, ele sabe, cobra, sabe que o tributo suado que sai é bem empregado em uma rodovia de segurança, em uma cidade que é bem vigiada, em um hospital público que vai fazer um atendimento do mais simples ao de alta complexidade. O sentido de cidadania é mais arraigado, mais profundo, praticado nesses países. Não é só nessa distribuição absurda de renda e de carga tributária para esse fim. É realmente aprimorar essa questão de cidadania.

► **Interfaces Científicas:** O que falta para o nosso Sistema Único de Saúde ser um exemplo?

T.C.C.: Que falta é na verdade maiores investimentos. O SUS na verdade é um sistema que completa 20 anos recentemente, e é um sistema que universaliza a saúde, mas ainda naturalmente, precisa superar os seus muitos gargalos. Nós observamos tristemente mulheres crianças morrendo, grávidas sem atendimento devido. O cidadão que desvia verbas que é destinada para o SUS, para a educação pública ou no caso para a saúde pública, ele está cometendo um crime na minha visão de lesa pátria, está cometendo um crime que lesa pessoas. Desvio de verbas pode sim se atualizado como crime hediondo, no dia que fizermos isso estaremos melhorando bastante.

► **Interfaces Científicas:** Atualmente escutamos na mídia sobre os benefícios que a copa e as olimpíadas irão trazer para o Brasil. E para o SUS?

T.C.C.: Acho que para o SUS vai ter um sobrecarregamento, mas como no Brasil operamos muito por maquiagem, acho que a Copa vai ser muito mais visível de belos estádios do que de bons hospitais, assim como os aeroportos maquiados para bem receberem turistas do que para o atendimento familiar de pronta atenção.

Professor e Coordenador de Pesquisa e Extensão da Faculdade Integrada de Pernambuco - FACIPE;
Doutor em Comunicação pela UFPE;
Estudantes do 3º período de Biomedicina da FACIPE.
